

NÔ PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

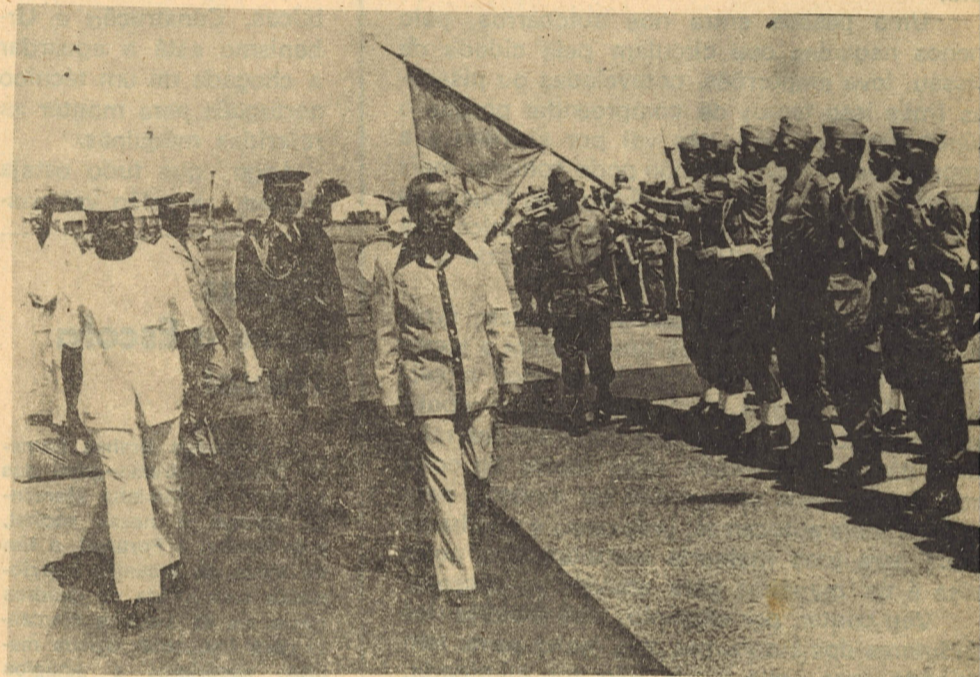
BISS

Presidente regressou de Conakry Fraternidade nos encontros com Sekou Touré

«Se alguma dificuldade houve durante um certo período nas relações entre a Guiné-Bissau e a Guiné-Conakry ela já foi ultrapassada, disse o camarada Presidente Luiz Cabral, no seu regresso a Bissau, após a importante visita de trabalho e de amizade realizada à República Popular e Revolucionária da Guiné, a convite do Presidente Ahmed Sekou Touré.

Nos seus encontros tidos, os dois Chefes de Estado concluíram pela necessidade urgente de se reunir a Grande Comissão Mista Guiné-Bissau-Guiné-Conakry com o objectivo de retomar dinamicamente as relações entre os dois países.

Durante os dois dias da sua estadia na RPR da Guiné, o camarada Luiz Cabral visitou na manhã de anteontem Kankan e à tarde Faranah, cidade natal de Sekou Touré e ontem, também à tarde, Labé, onde foi assinado o comunicado conjunto. (MAIS NOTICIÁRIO NA PÁGINA 8)



Assembleia anual da OPAD

Integrado no programa preparatório à 1.ª Conferência Nacional da Organização dos Pioneiros Abel Djassi, terá início hoje em Bissau a abertura solene da Segunda Assembleia Anual do Balanço da Comissão Regional do Sector Autónomo.

Nesta Assembleia, será apresentado o relatório geral de actividades desde a implantação da organização

aqui no sector (1976). Também será feita eleição de delegados à Conferência Nacional, a ter lugar de 13 a 15 do próximo mês de Dezembro.

Através de um contacto que tivemos com o camarada Carrington Cá, membro de Comissão Nacional da OPAD no sector e primeiro responsável

(Continua na pág. 8)

Semana Titina Silá organizada pela CNMG

A Comissão das Mulheres da Guiné-Bissau vai organizar a Semana Titina Silá, no próximo mês de Janeiro em homenagem às nossas heroínas da luta armada de libertação nacional.

A Comissão pensa realizar nessa última semana de Janeiro, uma exposição fotográfica, sobre a participação da mulher na luta armada e na Reconstrução Nacional, jogos de equipas femininas das diversas regiões, excursão ao rio Farim (local onde morreu Titina Silá), para colocação de uma placa comemorativa, projecção de filmes que mos-

trem a luta da mulher no mundo, pela a sua emancipação, bem como a realização de um concurso de desenhos, poemas e de canções dedicadas a Titina Silá. Os melhores trabalhos serão editados em disco. Está previsto um ciclo de palestras em Bissau e nas regiões, subordinados ao papel da mulher na nossa luta e as relações Partido-Mulher na nossa terra.

Recordamos que o Comité Executivo da Luta do Partido aprovou na sua última reunião realizada na Praia, de 22 a 25 do mês passado, uma proposta apresentada pela camara

Carmina Pereira, do CEL do Partido e Secretária do CNMG, para que o dia 30 de Janeiro passe a ser considerado o Dia da Mulher guineense e caboverdiana.

Nô Pintcha
Terça-feira
há Suplemento
Cultural

Salão
III Congresso
vai
passar a
projectar
filmes
(ver pág-)

★ África do Sul invadirá a Rodésia? (Ver Breve)

Editorial

Há atitudes e comportamentos do Homem que pela sua dimensão, marcam e fazem história e por conseguinte exercem uma influência ímpar em todo o planeta.

Quando há vinte e três anos, meia dúzia de homens imbuídos de uma forte ideologia, inspirada nas mais sublimes aspirações do povo, desembarcavam em Santiago de Cuba, estava-se na História, fazia-se História. Dezenhava-se já uma grande e significativa vitória contra o próprio imperialismo internacional.

Fidel Castro é um número reduzido de patriotas, temperados em acções como o assalto de Moncada, golpeavam duramente o regime corrupto e caduco de Fulgêncio Batista. Os filhos da linda Cuba, contestavam no fundo, o próprio sistema político e social vigente há meio século, incapaz de proceder a transfor-

mações tendentes a uma melhoria do nível de vida do povo, e que impedia o seu acesso ao poder.

Já nada podia impedir o avanço glorioso dos patriotas cubanos. Mercê de actos abnegados como Moncada e, Praia Giron a vitória seria uma alegria incontida a 1 de Janeiro de 1959, com o derrube de Batista.

Desde então, Cuba tem conseguido vitórias transcendentais em todos os domínios da vida do País. É o nosso líder imortal, Amílcar Cabral que em 1966, explicava melhor essa realidade: «Nenhuma força do mundo, poderá impedir esta Revolução Cubana, em vias de criar, no campo e na cidade, não só uma nova vida, mas também o que é mais importante um Homem Novo, plenamente consciente dos seus direitos e dos seus deveres nacionais, continentais internacio-

nais». Em todos os domínios da sua actividade o povo cubano realizou progressos importantes».

No dealbar dos tempos, o Mundo conheceu exemplos de coragem e heroicidade, que galvanizam aqueles que lutam pelo progresso e paz social, e confirmam solidez das linhas mestras que orientam a Pátria de José Martí.

A presença amiga cubana no nosso país, testemunho do Homem-Novo forjado nestes anos de Poder Popular e do internacionalismo de Havana, é sentida de forma marcante nalguns dos departamentos vitais, como a Saúde, Agricultura e Educação, onde lado a lado, com o trabalhador guineense, colaboram na Reconstrução Nacional, com o mesmo espírito que empolgou os participantes do desembarque de Granma.

Outra vez a Siló Diata

Mais uma vez vem à baila a questão dos autocarros da «Siló Diata». Tenho lido muitas vezes nesta coluna «Dos Leitores» várias críticas sobre o problema do funcionamento dos autocarros da nossa empresa de transportes ou dos táxis. Pensei que essas críticas serviriam para que os responsáveis da empresa melhorassem os seus serviços, tendo em conta as dificuldades de vária ordem que, aliás, todo o país enfrenta. Mas, parece-me que isso não acontece.

Não estou no entanto a criticar os responsáveis da Siló Diata porque eles até podem não ter culpa nenhuma no que acontece quando um passageiro apressado entra num autocarro. Muitas vezes a culpa é dos condutores ou dos cobradores que não dão a mínima atenção aos passageiros. Se a Siló Diata foi criada com o objectivo de servir o povo, aqueles que nela trabalham nem sempre têm cumprido essa tarefa.

Uma pessoa entra nos autocarros, pelo menos naqueles que circulam pela cidade de Bissau, leva empurrões, cotoveladas ou pisadelas (mas isso temos de compreender porque o número dos veículos não vai por aí além e a empresa neste momento não pode comprar mais viaturas), e não é bem atendida pelos funcionários. Nunca dirigem uma palavra simpática aos passageiros que utilizam os serviços da Siló Diata.

Penso que os responsáveis deviam fazer várias reuniões com esses funcionários e explicar-lhes que sem boas maneiras nunca o serviço pode ir para a frente. As pessoas continuam a criticar e, tudo o que é demais faz mal, como diz o velho ditado. Mas temos de compreender que uma coisa é não ter dinheiro para comprar mais autocarros, uma coisa é não haver meios para uma melhoria material; mas outra coisa é ter maneiras para atender as pessoas.

Vou contar, por exemplo, uma história dos condutores dos autocarros que, muita gente tem criticado mas, que ainda não foi eliminada. Quantas vezes os autocarros não respeitam as paragens! Param onde querem, mesmo quando vêm que há pessoas numa determinada paragem ou, mesmo quando os passageiros do interior do autocarro fazem barulho porque o seu destino é na paragem seguinte. Já aconteceu pessoas quererem descer na paragem seguinte à das bombas de Altó Crim e, ser obrigada a descer só na «Chapa de Bissau» simplesmente porque ao condutor não apeteceu parar.

Apelo, aqui, mais uma vez, para verem este problema. A Siló Diata tem que servir cada vez melhor o nosso povo. Para isso foi criada.

MISSA MALINKÉ

Salão III Congresso vai passar a projectar filmes

O salão do III Congresso que era utilizado somente para grandes reuniões partidárias e estatais e sessões culturais, passará brevemente a projectar filmes. Os projectores, o écran e as máquinas de frio adquiridos na República Democrática Alemã já se encontram no país. Neste momento, o Commissariado de Estado das Obras Públicas, Construção e Urbanismo está a aguardar a chegada de um técnico português para montar as referidas máquinas.

Logo que tudo esteja pronto, o salão vai pas-

sar para tutela do Instituto Nacional de Cinema (INC) para projecção de filmes, sessões especiais e sessões-debate. Todo o lucro reverterá para o instituto.

PARA QUANDO O CINE-ANCAR?

Não há de momento quaisquer conversações ou contactos com entidades estatais, neste caso o Instituto Nacional de Cinema e o Turismo sobre a possibilidade de se avançar com o salão de cinema e espectáculos do Ancar.

Desde a altura da nossa independência que as construções do cine-Ancar terminaram mas, depois devido à restrição das importações não foram adquiridos o material de projecção, as cadeiras e outro equipamento. Entretanto, segundo informações do gerente do Ancar, o salão tem sido visitado por vários cineastas estrangeiros interessados em dar uma ajuda na aquisição de material que falta.

O salão do Ancar tem capacidade para cerca de

mil pessoas sentadas. É composto de uma plateia em anfiteatro, um balcão, um camarote presidencial, cabine para os bombeiros, central de frio, bares camarotes, lavabos, bilheteiras e camarins, faltando ainda instalações sonoras, revestimentos e cadeiras.

A gerência do Ancar confirmou-nos que aguarda uma ajuda vinda do Governo porque a sua intenção é de não utilizar essas instalações para outro fim que não seja para cinema e teatro.

Bolsas para a Escola Naval

O camarada Braima Camará (Dakar), director-geral dos serviços da Marinha Mercante, deixou a nossa capital, com destino a Portugal, a fim de tratar de assuntos relacionados com a ida de quadros nacionais de marinha mercante para frequentar cursos médios, superiores e estágios na Escola Naval da Marinha Portuguesa.

Esta escola havia concedido à Guiné 16 bolsas de estudo para engenheiros maquinistas naval, engenheiros técnicos e técnicos de máquinas e electricidade, além de pequenos estágios para técnicos de farol, carpintaria e máquinas.

Durante a sua estadia em Portugal, o camarada Braima Camará, deverá inteirar-se da vinda da próxima equipa da Armada Portuguesa.

Concurso do emblema para a escola de educação física

Encontra-se aberto no Commissariado de Estado da Educação Nacional, um concurso para a feitura do emblema para a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, recentemente criada por este Commissariado.

Podem concorrer todos os jovens de idade superior a 15 anos, e a entrega das propostas deve ser feita até ao dia 20 do mês de Dezembro na Secretaria desta Escola, instalada provisoriamente na Escola Salvador Allende

dentro das horas normais de expediente. Os trabalhos terão de ser apresentados em papel liso, modelo A/4 e pintado a lápis de cor, marcadores, guaches ou aguarelas.

O referido trabalho deverá ocupar na folha uma área não superior a uma circunferência de seis centímetros de raio. O formato do emblema fica ao critério do concorrente, bem como as cores a atribuir em cada um dos símbolos que este englobe.

Os símbolos a adoptar deverão relacionar-se com Educação Física e Desportos ou com o lema da

Escola que é «Desporto para todos».

CNM reuniu em Bissau

A Comissão Nacional das Mulheres da Guiné-Bissau reuniu extraordinariamente anteontem, dia 27 de corrente, em Bissau. A reunião foi presidida pela camarada Carmen Pereira, do CEL do Partido, analisou a actividade da Comissão das Mulheres da Guiné-Bissau desde a realização da sua primeira Assembleia.

Responde o povo

Que pensa da comemoração do 16.º aniversário de Cassacá

Para assinalar o décimo sexto aniversário do importantíssimo 1.º Congresso do nosso Partido, o Congresso do Cassacá, foi decidido criar uma comissão que deve preparar as comemorações e transformá-las numa jornada nacional.

Assim, na nossa habitual coluna de «Responde o Povo», inquirimos alguns populares sobre o que pensam deste acontecimento.

Carlos Bendjaqui, estudante de 20 anos — «Foi principalmente num dos números do «Nô Pintcha» que sobre os preparativos que se estão a fazer para comemorar o 16.º aniversário do primeiro Congresso do nosso Partido, que teve lugar em Fevereiro de 1964, em plena luta armada de libertação nacional. Eu por mim acho que é uma iniciativa muito louvável, a de come-

morar esta data, mas por outro lado, penso também que não se deve limitar só ao Congresso de Cassacá, uma vez que a história da nossa luta é muito rica em datas tão significativas quanto esta».

«O que vem dar muito brilho a estas comemorações são as várias realizações de carácter social que serão levadas a cabo no local em que se realizou o tal acontecimento.

Só me resta desejar aos camaradas que compõem a Comissão de festejos de Cassacá, de festejos bom trabalho».

M'bunh N'delé, antigo combatente na frente Sul do país — «Com imensa alegria no coração e aquele sentimento de dever cumprido, tomei conhecimento da iniciativa do Partido e Estado de comemorar o 16.º aniversário do 1.º Congresso que teve lugar na aldeia de Cassacá. Este Congresso foi muito importante e teve um valor decisivo na vida do nosso Partido, então no segundo aniversário do desencadear da luta armada de libertação que termi-

naria com a expulsão do invasor do nosso solo sagrado. Como no primeiro ano da luta, houve muita gente que contundi a razão da própria luta. Então, houve toda uma necessidade de reunir os quadros para uma grande reunião de esclarecimento, reunião essa que veio a ser conhecida como o 1.º Congresso do Partido, devido à importância que teve para o melhoramento do Partido. Até houve quem o chamasse de Congresso da Salvação, porque na realidade salvou o próprio Partido, que saiu daí mais preparado para as agruras duma luta libertadora. Portanto, camarada, penso

que deve compreender o meu regozijo por este acontecimento, porque para nós, combatentes da liberdade da Pátria, é uma enorme satisfação que toma conta de nós, quando vemos serem realizadas as aspirações do nosso povo. Foi para isso que lutámos».

Muscuta Bai, 30 anos, doméstica — Quanto a mim, penso que esta cerimónia que vai comemorar 16 anos desde a realização do primeiro grande Congresso do nosso Partido, tem um especial significado para cada militante do PAIGC, que soube mais do que ninguém

lutar para a verdadeira independência dos povos da Guiné e Cabo Verde.

É pois, nessa base, que acho que é tempo de se debruçar seriamente no problema de comemorar como merecem, certas datas históricas da nossa gloriosa luta. Como Cassacá, temos o 24 de Setembro que quase já não se celebra, o que é mais. De qualquer das formas, é o 24 de Setembro, a data da nossa independência, o que dizer que esta data deve ser comemorada com toda a importância que tem».

Boa Vista - Ilha de turismo pescadores e emigrantes



Boa Vista: Há falta de mão de obra, o trabalho há para quem queira nas fábricas de conserva de peixe, na cerâmica, nos botes de pesca, nas obras públicas construção civil.

«Boa Vista — férias todo o ano. Se não houver sol, não paga conta». Era este o slogan, diz-se na Boa Vista, com que os alemães pensavam lançar o seu complexo turístico de 15 mil camas nas praias de Santa Mónica — imensidão de areia branca e fina, um mar azul e translúcido de safira, algumas palmeiras fantasmagóricas no decor castanho da ilha e um sol fulgurante de luminosidade e nitidez a perder-se na linha do horizonte, paraíso invulgar.

Slogan, contudo realista. Só uma média de cinco dias por ano o sol não brilha sobre a costa

da ilha, toda constituída por praias de areia branca, de quando em quando cortadas por um recife ou promontório de rocha, sobre as planuras secas, os palmeirais e as dunas de areia de Sahará.

Lembrados das histórias dos antepassados, que contavam a antiga prosperidade económica da ilha, quando muitos barcos demandavam Sal-Rei ou Porto Inglês, em busca de peles, couros, carne, sal, louça e cerâmicas, queijo, purgueira e cal, cerca de três mil e setecentos habitantes da Boa Vista continuam, felizmente senhores da sua ilha preservada da inva-

são permanente de 15 mil estrangeiros, mantêm vivos os contactos com os seus 512 emigrantes, de quem recebem, só pelo banco, uma média de dois mil contos mensais, resistem, ao mau abastecimento em frescos e em carne, lutam pela transformação das condições de vida da ilha, opõem-se à desertificação, gozam o melhor clima de Cabo Verde em tardes de sexta e grandes chapéus de palha, serões longos de violão dolente e voz de morna antiga, «sabura» entre a gente e velhas tartarugas na praia. A Morabeza é na Boa Vista uma palavra chave. Chegados de avião ou de barco nos meses de sol tórrido ou sob a areia em revoadas, é a receptividade das gentes da ilha a primeira marca forte desde logo a impressionar.

Quer o decor ambiente seja a vila semi-fantasma de Sal-Rei, de grandes casarões velhos em ruínas, fulgor antepassado de marcas omni-presentes de senhores feudais que em cada recanto deixaram seus traços, seja cada uma das oito povoações dispersas, surpreendentes na agrura desértica da nossa ilha mais rasa, seja uma praia su-

bitamente habitada por um miúdo com o espeto para o polvo ou a linha para a moreia ou um pescador de cana em riste e eficiência exemplar, seja um areal imenso ou uma duna cortada por um tufo de palmeiras, donde emerge um pastor memória da prosperidade antepassada, sempre a recepção é perfeita, o olhar, amigo, a conversa naturalmente desentrançada.

Muita coisa boa pode acontecer na Boa Vista. Um queijo pirâmide hospitaleiramente cortado em Fundo de Figueiras, um púcaro com boa água da choura, em João Galego, moreia frita ainda quente em Sal-Rei, Catchupa com tchacina (cabrito seco) em Salamansa, uma tarde de casamento com festa, música e muita dança na Povoação Velha, uma mão cheia de tâmaras por detrás duma duna, pastezinhos ou um copo de pic-nique na praia, violões, de prazer e dor, mornas antigas desde o pôr do sol até noite alta...

FALTA DE MÃO DE OBRA

Não é fácil, contudo, viver pobre na Boa Vista. Além dos cerca de

512 emigrantes que enviam dinheiro para o sustento das famílias, outras duzentas raparigas e mulheres emigram e trabalham sobretudo na Itália, na Holanda e na França, até reunirem as condições para voltarem ao seu povoado.

Trabalho há para quem queira, na fábrica Ultra de conserva de peixe, em Sal-Rei, na cerâmica do Rabii, nos botes de pesca e nas traineiras da fábrica, nalguma agricultura ao Norte da ilha, nas obras de construção civil do secretariado e de particulares, em quase todos os recantos da ilha e nas frentes de trabalho abertas pelo MDR no combate às pragas de gafanhotos, de construção de diques de retenção e de comportas no vale do Rabii, na Ribeira «Dr. Santa Rita Vieira», na Ribeira Baixo no Norte, nas frentes de plantação de arbustos para barragem das areias e na plantação de árvores.

O transporte para as frentes de trabalho começa por ser, porém, o primeiro problema a frisar. Dispersa por nove pequenas povoações na terceira maior ilha do território nacional (31 quilómetros de comprimento, 26 de largura, 613 quilómetros

quadrados de superfície em forma hexagonal, com 1.570 habitantes em Sal-Rei, mas só 15 no pequeno lugarejo da Espigueira) a população Boa Vista tem de, diariamente, se deslocar longe para a maior parte dos seus locais de trabalho.

A ILHA MAIS RICA EM PEIXE

A Safrá atuneira 1980 será já contemplada na Boa Vista com grandes melhoramentos a ampliação da fábrica de conservas ULTRA, em Sal-Rei, onde normalmente encontram trabalho entre 50 a 120 trabalhadores, consoante a tensidade do volume produzido e conservado.

A pesca merece facto grande apoio e crescimento sério na ilha Boa Vista, detentora 37 por cento da produção continental de peixe do país isto é, 37 por cento das águas de fundo baixo onde é possível pescar muito peixe à superfície e a meia água. A riqueza das águas da ilha surpreende sobretudo na riqueza em crustáceos

Quem já subiu à palmeira uma vez é capaz de subir todas as palmeiras

O PAIGC teve sempre uma grande confiança nos seus militantes. Esta certeza e esta prática desde o início da luta contribuiu largamente para as nossas vitórias. O modo como este princípio foi aplicado e os efeitos positivos que resultam do trabalho diário quando podemos confiar nos camaradas são analisados no texto que segue, da autoria, como sempre nesta secção, do camarada Amílcar Cabral.

«O princípio que o nosso Partido estabeleceu nas relações com todos os militantes, desde o começo da sua vida, é seguinte: confiamos para poder confiar. Este é que é o nosso princípio de relação com os seres humanos em qualquer empresa em que estejamos. Confiar, primeiro, para poder confiar. E hoje é com prazer que eu digo aos ca-

maradas, aqui, tanto aqueles que de facto merecem isso como aqueles que ainda não merecem: nós confiamos em vocês. Nós confiamos que aqueles que têm trabalhado bem são capazes de fazer mais esforço ainda de melhorar cada vez mais. Como o nosso povo costuma dizer, aqueles que já subiram a palmeira uma vez, são capazes

de subir todas as palmeiras. Aqueles que ainda não trabalharam muito, que, por uma ou outra razão não têm dado a sua contribuição como deve ser, nós seríamos capazes de molhorar cada dia mais reconhecer que não têm trabalhado o suficiente, de reconhecer que outros têm feito a luta, enquanto eles têm enganado. Que tomem consciência, que ponham a mão na consciência como diz o nosso poeta caboverdiano Dembara «inca pé na tchon» para trabalhar de facto, para lutarem

a sério para o povo da sua terra».

«Camaradas: A nossa confiança é ilimitada, tão ilimitada, que não há ninguém no nosso Partido, que tenha a ousadia de cometer qualquer erro que nós não voltamos a confiar nele de novo para abrir caminho para ele avançar. E, entre aqueles aos quais abrimos caminho para avançarem, parece-nos que é nosso dever fundamental, do Partido e meu, como dirigente principal da nossa luta, abrir caminho para a gente nova avançar, passar para diante».



Cabral ca muri

Fulacunda um sector isolado dentro de uma região isolada

O isolamento da região de Quínara é um facto. Não possuindo meios de comunicação telegráfica, na medida em que os telefones dos CTT não estão em funcionamento, devido a um escape do gasóleo, a esta região só restam as carreiras marítimas que a ligam a Bissau. A par deste problema existe um outro. Esta região é a única em que os serviços de saúde são controlados unicamente por enfermeiros. Por conseguinte é uma região que não tem médico. Também nela os trabalhos da lavoura são feitos totalmente através de meios tradicionais, não beneficiando das técnicas que o Commissariado de Desenvolvimento Rural introduziu noutras regiões. Numa única palavra o CDR não possui nenhum projecto para esta região.

Contudo, o destino é Fulacunda. Após uma viagem de aproximadamente 27 milhas de Bissau a Enchudé e daqui para Tite vão uns sete quilómetros em boa estrada. Mas os solavancos começam de Tite para Fulacunda. São 40 quilómetros em que aos olhos dos viajantes se oferece uma paisagem impressionante.

QUINARA CONTINUA SEM MÉDICO

Fulacunda local em que se instalará dentro em breve a sede do Comité de Estado, substituindo assim Tite, é um sector da Região de Quínara que possui os seus problemas assim como todas as Regiões do país.

O hospital é constituído por uma casa que já por duas vezes caiu devido à chuva. Tem três pequenas divisões. Apesar das diversas dificuldades que os agentes da saúde sentem a campanha sanitária é um dos seus objectivos e já se encontra na forja. O objectivo desta campanha é explicar à população a necessidade de latrinas — que segundo o responsável dos serviços de Higiene do Sector de Fulacunda, António Lima, não existem. Além disso, prepara-se igualmente nesta região um recenseamento sanitário com a finalidade de averiguar quais são as doenças que atacam a população. Na medida em que, para além do paludismo que é muito frequente nesta zona, desconfia-se da existência de tuberculose e da lepra. Segundo esse responsável, a falta de transporte é a dificuldade mais premente que terão que enfrentar. Contudo, não pouparão esforços a fim de levar avante os seus projectos, mesmo que seja com motorizadas para ligação das diversas secções como por exemplo a de Gampará onde existem dois postos sanitários.

Com a falta de hospital, os doentes graves são evacuados para Bissau e para aumentar esta dificuldade o transporte de que carecem, o mau estado da estrada e a falta de uma ligação telefónica com a capital, aumenta a necessidade da construção de um hospital regional com camas.

Por isso, contactámos a Direcção do Commissariado de Saúde e Assuntos Sociais que nos confirmou as suspeitas daquele responsável sobre a construção do referido edifício. Financiado pela Comunidade Económica Europeia, a região beneficiará de dois hospitais. Um em Fulacunda e outro em Empada. Tendo cada um, capacidade de 20 camas. Segundo informações da Direcção dos CESAS está-se a envidar todos os esforços a fim de dotar a região de Quínara de um médico — única região do país que não possui médico e que tem uma população aproximadamente de 35 mil habitantes.

ALGUNS PARTEM PARA A LAVOURA

Outro domínio em que a região sente a maior dificuldade é no da Educação. Neste sector estão a ser desenvolvidos grandes tarefas — com a ajuda do Presidente do Comité de Estado — nomeadamente no que se refere a explicação aos pais dos alunos sobre a necessidade dos seus filhos frequentarem as aulas desde o início do ano lectivo até ao seu término. Tal não acontece na medida em que na altura da colheita, que está a processar-se neste momento, os alunos na sua maioria deixam a escola para irem participar neste trabalho.

É nesta altura, que vai de Dezembro e tem o seu auge no mês de Janeiro, que as escolas — 13 em todo o sector de Fulacunda — contam sómente com 14 alunos em cada sala. Também verifica-se a mesma coisa em Maio. Preparo do campo para o cultivo. Para além deste, existe um outro problema que é uma preocupação para os responsáveis educacional da região. Os pais não permitem que os alunos do sexo feminino frequentem a escola assim que os seios apontam no peito. Este caso, é notório quando um indivíduo observa as estatísticas dos alunos do sector. O índice dos alunos vai diminuindo conforme a classe. Na 1.ª classe é muito elevado enquanto que na 4.ª classe é baixo.

No ano lectivo anterior frequentaram a escola no sector de Fulacunda cerca de 610 alunos, ficando aprovado cerca de 304. No ano lectivo em curso, só na secção de Fulacunda existe 104 alunos e quatro professores. Tendo a vila de Fulacunda uma escola com duas salas, 1.ª e 2.ª, frequentam o período da manhã e 3.ª e 4.ª o período da tarde. Se por acaso houver alunos superiores ao previsto, por exemplo na 1.ª classe, constituem-se duas turmas. A primeira entra até ao intervalo e a segunda acaba o resto da manhã. Segundo o responsável da Educação do sector de Fulacunda, camarada Malam, esta medida não é adequada porque o aproveitamento dos alunos torna-se fraco. Mas devido à falta de professores é a única solução viável.

Contudo, podia-se solucionar o caso se os professores prometidos — num número de 15 — fossem para os seus postos. Construíam-se mais escolas e podiam resolver em parte os seus problemas. Mas tal não aconteceu até ao momento. No entanto, os poucos professores que aí estão são controlados pela Comissão de Estudo que reúne-os nos fins de semana a fim de dar directivas para uma semana de aulas.

«Se nós conseguirmos abastecer as populações em géneros de primeira necessidade, se conseguirmos estabelecer um circuito de transporte eficaz para evacuar todos os produtos e se conseguirmos pagar preços competitivos aos camponeses, estaremos em condições de responder mais rapidamente às exigências do complexo de Cumeré».

Esta declaração do camarada Mário Cabral Comissário de Estado do Desenvolvimento Rural, foi-nos confiada no decurso da entrevista ao «Nô

Pintcha», cuja segu-

Após ter focado a política genérica do sector do Desenvolvimento Rural, questões vitais para o futuro do nosso auto-

A orientação para a produção, a comercialização dos

Mário Cabral

O sul para os problemas

«Nô Pintcha» — Em Julho do corrente ano, os técnicos de arroz, reunidos no 3.º ENTA, afirmavam que a via mais rápida de atingirmos a auto-suficiência alimentar no país, é dispensar grande atenção ao problema de recuperação de bolanhas e construção de diques e barragens agrícolas no Sul. O que é que o camarada Comissário nos tem a dizer sobre isso?»

Mário Cabral — Eu perfilho perfeitamente as ideias defendidas pelo 3.º ENTA, porque, efectivamente, é o Sul que nos pode resolver o problema da auto-suficiência alimentar, a breve termo. Em relação às outras áreas, tais como as regiões de Cacheu, Bafatá e outras, o que poderemos fazer é levar as populações a produzir para diminuir as insuficiências alimentares em cereais, com vista a atingir a auto-suficiência.

Em contrapartida, há áreas que não estão preparadas para dar essa produção, como são os casos do sector autónomo de Bissau, e outros centros urbanos, que nunca serão auto-suficientes, em função da sua própria produção. Daí que devamos considerar em que zona do país é possível produzir o excedente que abasteça as áreas de maior consumo. Nesta ordem de ideias, sobretudo no que se refere ao arroz — base alimentar do nosso povo — o Sul é a zona indicada para resolver este problema.

Mas falar de auto-suficiência alimentar, não é só a nível do arroz. Falar nela é estarmos já a pensar numa nutrição equilibrada. Logo, temos que produzir também outras coisas: mandioca, feijão,

milho, batata, inhame, hortaliças etc., mas mais do que isso, ainda, ver o aspecto da proteína animal. Não poderemos atingir a auto-suficiência alimentar, enquanto não tivermos a nossa população nutrida equilibradamente. Portanto, sem dúvidas nenhuma, o Sul é a zona privilegiada para nós atingirmos a auto-suficiência alimentar.

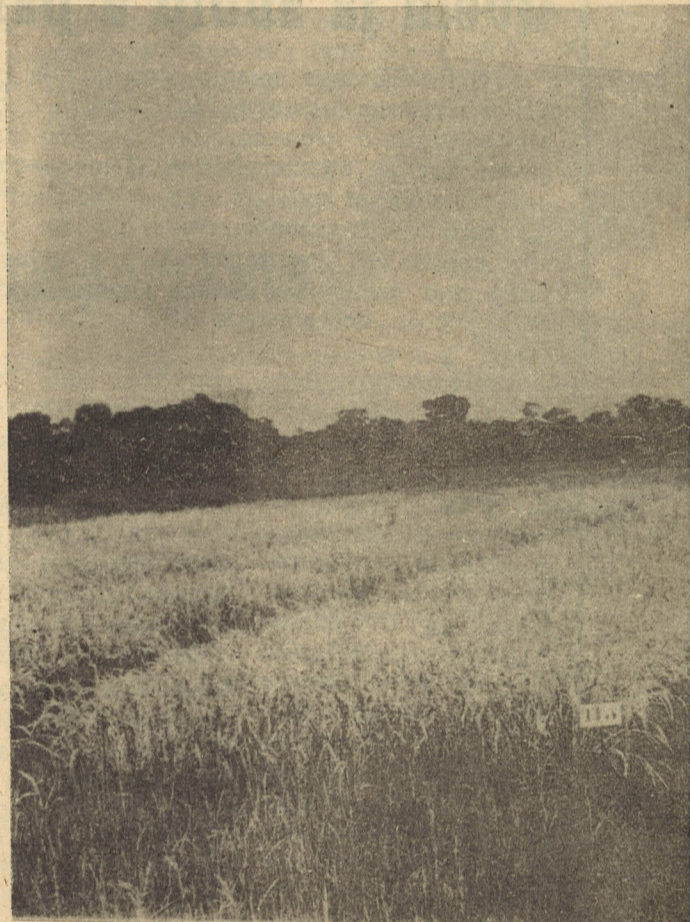
«N.P.» — Evidentemente. Mas existe ou não capacidade de actuação do Commissariado, no sentido de atender a esta exigência?

M.C. — Existe já um projecto de financiamento do BADEA — Banco Árabe para o Desenvolvimento de Estados Africanos — que é um empréstimo em boas condições e que vai entrar em aplicação na corrente campanha, no que se refere ao

aproveitamento das áreas do Sul do país. Na media desta previsão, se fizerem aproximadamente cerca de dois hectares por ano, talvez em abertura de novas áreas como no fecho e cuperação de bolanhas estragadas. O projecto para cinco anos.

A par dessa recuperação de bolanhas, segundo se preve também no projecto, vamos introduzir variedades mais produtivas e adaptadas à nossa situação, o que nos possibilitará atingir a auto-suficiência alimentar, embora sejamos dos países que mais consomem arroz nesta costa da África.

«M.P.» — Falando do te projecto de recuperação de bolanhas, que nos aproveitará a ocasião para lhe perguntar que são outros projectos do Commissariado, como



Um viveiro de experimentação de arroz

hoje se publica. Na última edição, a nossa camarada Comissária falou-nos hoje de algumas questões da produção e da alimentação alimentar. Sobre o arroz no sul, o fecho da recuperação das terras recuperadas, o crédito agrícola e de outros, os problemas da pe-

cuária assim como um estudo em curso para levantamento geral das potencialidades das cinco zonas agrícolas do país, são hoje esmiuçadas na conclusão desta entrevista com Mário Cabral para que chamamos a atenção dos camaradas leitores.

É de reter nesta avaliação genérica do trabalho da Agricultura a manifestação da camarada Comissária de que o Sul vai ser a zona a privilegiar para a produção do arroz que falta hoje no País.

o "Nô Pintcha"

resolver os do arroz

divididos e quais as prioridades que se dão a alguns deles?

M.C. — Bem! Isso é um bocadinho difícil de citar aqui todos os projectos que temos, mas o que queremos dizer, é que estamos a fazer neste momento, estudos das cinco zonas agrícolas em que dividimos o país, de acordo com as suas características geográficas.

Nesse estudo, vamos saber quais são os estrangulamentos e os tipos de acções a desenvolver no aspecto agro-pecuário para a satisfação dessas necessidades. Pensamos que tudo é necessário, sendo a prioridade, ajudar o camponês a melhorar a sua técnica, a sua produção e a evacuação dos seus produtos. E se nós conseguirmos isso já teremos feito uma grande revolução neste país.

Neste momento, nós ainda não atingimos o nível de produção de antes da guerra, mas o que é que já fizemos no aspecto de estruturar a solução de problemas agrícolas para resolver as questões da produção? Ninguém produz por produzir. Já Amílcar Cabral dizia que ninguém luta pelas ideias. A pessoa luta para melhorar a sua situação. É quando um agricultor produz a sua batata e mandioça e ninguém lhe vai comprar isso, como é que ele pode continuar a produzir mais no ano seguinte?

Dizemos com muita franqueza que temos capacidade de produzir e muito mais que no período de antes da guerra, e numa produção mais diversificada. Não podemos é pegar no índice da mancarra e dizer que antes da guerra se produziam cem mil toneladas de mancarra. Essa é a única riqueza da Guiné-Bissau? Parece-me que não.

Pensamos que para fazermos uma agricultura racional, nós temos que limitar a área de produção de cada tipo de cultura, através de rotações a fazer. Neste sentido, não devemos ver só o número de mancarra ou de arroz, mas sim o conjunto da riqueza nacional. E a riqueza nacional pode ser conseguida, por exemplo, na produção de hortaliças para abastecer o mercado interno e diminuir as necessidades em arroz e até exportar, a preços competitivos. Podemos também produzir banana e outras frutas, outras fontes de riqueza.

«N.P.» — Tal como os outros departamentos do Estado, o CEDR enfrenta dificuldades financeiras no esforço de fazer avançar as suas tarefas. Mas

onde o Comissariado mais pode canalizar os recursos para desenvolver a agricultura e a pecuária? Haverá sempre possibilidades de o fazer recorrendo à empréstimos ou ajudas internacionais ou seja que, de uma maneira ou outra, as verbas do Orçamento Geral do Estado consigam cobrir todas as exigências de acção?

M.C. — O Orçamento para o nosso Comissariado, não satisfaz, nem de longe, as nossas necessidades. Nós estamos verdadeiramente metidos num colete-de-torças, em que se exige de nós fazer isto e aquilo, sem que tenhamos maneiras de nos libertarmos, porque o Orçamento impõe-nos uma determinada posição. Isso é que é a realidade.

O estudo da zona que estamos a fazer, vai ter como resultado, a elaboração de projectos de financiamento que submeteremos a diferentes fontes de financiamento internacionais para ver se conseguimos os investimentos necessários para a promoção do nosso desenvolvimento rural.

«NP» — A política do nosso Governo sempre defendeu a garantia de condições de vida aos

nostros camponeses, e para tal, tem tomado medidas regulares de aumento de preços de venda dos produtos cultivados. Entretanto, que outras medidas sociais acompanham esta opção no meio rural?

M.C. — Realmente o nosso Governo tem aumentado regularmente o preço dos produtos do lavrador, mas, o que eu posso dizer aqui, é que esses aumentos não correspondem a uma análise dos custos de produção. Nós não temos, até ao momento, custos de produção calculados, por forma a sabermos se o aumento corresponde ou não à realidade económica.

Há exemplos de alguns produtores que nos dizem: não produzo algodão porque já vi que não dá resultados. Ele não faz uma análise económica, no sentido clássico do termo, mas já viu que se produzir mancarra obtém mais rendimentos que o algodão. Isso pode acontecer.

Nesse aspecto, precisamos de fazer essa análise e, à base disso, fixar uma política de preços que tem que entrar em conta com o que nós queremos fazer nesta terra:



A alimentação não pode ser só à base do arroz. As culturas frutícolas também devem ser incentivadas no nosso país. Na foto, uma plantação de ananás.

Se vamos dar prioridade às culturas alimentares ou se a culturas industriais. Pois de acordo com o preço que estabelecermos, assim as pessoas vão virar para um tipo de culturas ou para outro.

NP. — Impõe-se ao Desenvolvimento Rural harmonizar a intensificação das culturas alimentares, para resolver o problema da auto-suficiência, e das culturas industriais, para a solução dos problemas de exportação e o equilíbrio da balança nacional de pagamentos. Como serão acompanhadas as duas coisas?

M.C. — Esta é uma questão que o Governo terá que estudar com muita ponderação. Eu não posso dar uma resposta definitiva agora, porque não possuo elementos. O que posso dizer é que temos que analisar com profundidade esta questão, porque se nós vamos produzir culturas industriais com vista a conseguir imediatamente divisas e comprar outras mercadorias de que necessitamos e, se nós dermos um desenvolvimento exagerado a essa produção, isso vai reflectir-se automaticamente na diminuição de outras culturas alimentares. Dado que se-

rão as mesmas pessoas vão produzir ou as culturas industriais ou as culturas alimentares. Para os camponeses será ou cultivo isto ou aquilo.

Quando privilegiarmos as culturas industriais, pelo contrário, as alimentares vão diminuir e continuaremos a importar. E quem importa a comida, está dependente de quem a vende. Há países que chegaram a um desastre económico, só por terem optado em privilegiar as culturas industriais. E para nós, há que estabelecer proporções de equilíbrio entre as duas coisas.

Na Guiné-Bissau, temos ainda a maior força de trabalho para investir no mundo rural. Há desempregados aqui em Bissau, e concerteza existe o sub-desemprego no campo, e temos muitas áreas ainda onde é possível cultivar mas que não estão a ser cultivadas neste momento. Portanto, podemos avançar muito, antes de chegarmos ao limite das nossas capacidades.

«NP» — Disse-se, durante a Conferência do Desenvolvimento Rural, que a forma como o Comércio intervém no mun-

(Continua na página 6)

DESEMPREGADOS EM BISSAU,
SUB-EMPREGO NO CAMPO
E MUITAS ÁREAS POR CULTIVAR

ORÇAMENTO NÃO NOS SATISFAZ:
ESTAMOS METIDOS NUM COLETE
DE FORÇAS

COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS E O ABASTECIMENTO AOS CAMPONESES SÃO PROBLEMAS GRAVES A ESTUDAR

ALGUNS AGRICULTORES JÁ DIZEM:
«OU PÕEM AQUI O QUE NECESSITAMOS
OU VAMOS PRODUIR NO SENEGAL»

MUITO CRÉDITO AOS CAMPONESES
TEM DE OBEDECER A CRITÉRIOS
DE PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

HÁ MEDIDAS A ADOPTAR
SUSCEPTÍVEIS DE AUMENTAR A PRODUÇÃO
PARA ABASTECER O COMPLEXO DE CUMERÉ

Entrevista com o Comissário Mário Cabral

(Cont. das Centrais)

do rural, «é um estrangamento ao aumento de produção no campo». Qual é a sua opinião sobre as formas viáveis de evitar isso?

M. C. — Eu acho que o problema concreto de evacuação dos produtos agrícolas, de uma maneira geral, a aquisição e sua comercialização, assim como a colocação, nos locais de produção, geralmente de primeira necessidade, não está, de maneira nenhuma, resolvido no país. E podemos concluir um dos principais problemas a resolver, em relação a um desenvolvimento rápido da nossa produção.

mas não podemos atribuir todas as culpas ao comércio, porque não é ele que determina os preços de divisas. O Banco de Intervenção nem é o Banco que determina o montante de divisas. As finanças também ali entram. E nem são, por outro lado, as finanças que resolvem esse problema. Portanto, na toda uma investigação de factores determinantes pela situação económica do país, em relação às suas necessidades.

O que talvez podemos dizer é que, tal como nós vemos estudar melhor o nosso sector, também o comércio deve estudar melhor o seu sector e ver donde deve incidir a força maior, no aspecto de produção. Vemos, por exemplo, em alguns sectores, muitas medidas expostas à venda numa loja, quando as pessoas daí não têm aparelhagem para as utilizar, enquanto falta-lhes o petróleo ou até aguardente.

A situação tem-se agravado grandemente, a ponto de alguns agricultores já terem dito: «ou vocês permitem aqui as coisas de que necessitamos ou então vamos produzir lá no Senegal, onde poderemos encontrar tudo».

N. P. — Se eventualmente passarem a ser concedidos créditos aos agricultores, que critérios serão empregues para isso? E se certos interessados camponeses não possuem bens para assegurar o crédito?

M. C. — Pensamos que isso tem que ser visto não apenas pelo sector do Desenvolvimento Rural, mas pelo sector económico e financeiro, em especial. Prevemos a criação de uma instituição especial a nível do país, que já está proposta pela Assembleia

Nacional Popular. Um Banco de Desenvolvimento. Banco esse que deve ser constituído de maneira a responder às necessidades do mundo rural.

Porque é que digo isso? Porque, nesse sistema, geralmente se uma pessoa vai pedir crédito ao Banco, esse indivíduo tem que provar ser capaz de o pagar. E o povo costuma dizer a isso que, afinal, quem não precisa é que recebe os empréstimos do Estado.

Ao fim e ao cabo, nem sempre é preferível fazer essa prova de capacidade de intervir. Portanto, sem dizer que vamos fazer um Banco para dar crédito que não vai ser recuperado, nós temos que ter em conta que o sector rural é um sector específico, onde muito crédito que vai ser feito, tem que ser concebido para o aspecto de promoção do desenvolvimento.

Quer dizer que, ao fim e ao cabo, isso é uma cadeia. Um indivíduo recebe um crédito que pode ou não ser directamente recuperado pelo Banco, mas essa instância tomadora pode vir a receber no fim da cadeia, através do aumento de produção, um aumento da riqueza do país.

E dado que é o Estado que intervém em todo o circuito, pode ter uma política de promoção do mundo rural, como já se fez em muitos países. Investindo grandemente na agricultura dando créditos e, às vezes, donativos, depois os reflexos que esse crédito vai ter no aumento da produção e recuperação pelo Estado, no fim da cadeia.

Nós vamos fazer alguma coisa ao nível do Desenvolvimento Rural. Com as pequenas ajudas da Holanda e da CEE, nos projectos mais ambiciosos, no norte do país, como são os casos da mancarra, tracção animal e do algodão e arroz, estamos a fazer alguma intervenção, com as pequenas reservas de crédito que daí advêm. Recebemos recentemente um telegrama da FAO em que se promete por uma certa verba para o crédito agrícola.

«N. P.» — Estamos nos finais da campanha agrícola deste ano e já se está a prever a diminuição da produção, devido à irregularidade das chuvas e pragas agrícolas. Podia falar-nos um pouco dos reflexos dessa situação?

M. C. — Concretamente,

Embora não disponhamos de dados concretos sobre as áreas cultivadas e a previsão da produção final, nós podemos dizer que, devido à irregularidade de chuvas e uma diminuição nítida da pluviosidade em relação à média dos anos 70, o rendimento das culturas vai ser bastante afectado com isso.

Talvez algumas culturas alimentares, como o milho, o sorgo, a mandioca, etc., não terão sido afectadas grandemente pela diminuição das chuvas. Podem sim ter sido afectadas a partir de fins de Outubro, em que se registaram grandes chuvas, como se viu no mês de Agosto. Para o arroz, as chuvas fortes nesse altura são extraordinárias. Mas para o milho, a mancarra e o sorgo cujas colheitas já se começam em algumas zonas, vão-se molhar e apodrecer, com o agravante de não temos armazéns para os guardar.

É preciso que se entenda que, na agricultura, um dos principais factores do êxito, é a regularidade das chuvas. Por vezes não interessa que chova muito ou que chova pouco. O que interessa para o bom crescimento das plantações é que haja uma distribuição das chuvas regularmente. É o que não aconteceu este ano.

«N. P.» — E em caso desses fracassos vir a criar problemas de alimentação às populações, existe alguma saída de emergência para a situação?

M. C. — Creio que vamos ter necessidade, numa determinada fase, de recorrermos a um suplemento de alimentação. Isso será conseguido ou através da compra de géneros, pelo Estado, ou através de ajudas internacionais que viermos a obter.

«N. P.» — Evidentemente que essa situação de chuvas, começa a ser uma ameaça à manutenção da nossa flora, com a aproximação da zona do Sahel. Isso exigirá a defesa da nossa floresta e, possivelmente, a introdução do sistema de lavoura por irrigação. Que perspectivas existem em relação a isso?

M. C. — Sim, e aliás, como tive a ocasião de frisar na minha intervenção, na Conferência do CEDR, nós não podemos esperar que as ajudas sejam só para emergência alimentar, mas uma ajuda

no sentido de criação de estruturas que nos libertem do aliatório do clima.

Quer isso dizer que, nós temos que arranjar áreas irrigadas, fazer uma racionalização nos cortes das nossas florestas, insistir na reflorestação dos campos e, enfim, poder preparar-nos para as épocas de fracas chuvas. Por exemplo, este ano em Contubuel, fez-se a rega às culturas de experimentação e não sofreram a seca como outras culturas das populações, na mesma área.

«N. P.» — Previu-se a capacidade de produção do complexo agro-industrial de Cumaré, em 70 mil toneladas de mancarra por ano. Mas o que nos parece é que a produção anual do país está longe de atingir essa escala nestes anos, tendo como agravante os ataques de pragas e a escassez de chuvas. Esse projecto contraria facilmente no campo a produção de que necessita para arrancar como deve ser?

M. C. — O Complexo de Cumaré não precisa de trabalhar só com mancarra. Pode trabalhar com outras oleaginosas, como o coconote. Estou convencido até que é uma questão de nos colocarmos britadeiras lá onde são precisas, a fim de recuperar todo o coconote produzido e, de uma maneira geral, estimular as pessoas a recolhê-lo esse produto, através de um preço convidativo. É também a mesma questão, analisar os preços da mancarra e do algodão, em função, inclusivé, dos países fronteiriços que, certas vezes se apro-

veitam dos nossos produtos. As populações vão vender esses produtos ao mercado dos países vizinhos, ou porque os preços agradam aos produtores ou porque as pessoas vão vender ali para comprar artigos que não existem nas suas áreas.

Quer dizer, se nós conseguirmos abastecer as populações em géneros de primeira necessidade, se conseguirmos estabelecer um circuito de transportes eficaz, para evacuar todos os produtos e se conseguirmos controlar preços de produtos competidores, não só em relação aos países fronteiriços, mas também que representem um encorajamento para os camponeses, de certeza que estamos em condições de responder mais rapidamente às exigências do complexo de Cumaré.

A produção de mancarra comercializada ainda a roda dos 20 a 30 mil toneladas por ano, enquanto que a produção precisa de 70 mil toneladas. Estamos convencidos de sermos capazes de produzir muito mais que 50 mil toneladas só de mancarra. Mas é preciso investir muitas oleaginosas entre as quais os coqueiros de Bolama-Sigajas podem ser aproveitados também.

«N. P.» — O camarada Mário Cabral, ao falar da necessidade de equilíbrio alimentar para o país, mencionava as proteínas animais. Alguns trabalhos estão a ser feitos no domínio da pecuária. Mas o problema de escassez de carne continua no país, com maior acentuação na capital. Queríamos saber se a pecuária já possui soluções

para resolver esse problema?

M. C. — A primeira coisa a fazer é estudar convenientemente o nosso sector da Pecuária. Já elaborámos um plano nacional da Pecuária, submetida ao financiamento da Danida que o aceitou e o entregou à FAO para executar. A partir deste estudo, nós poderemos elaborar vários projectos de desenvolvimento deste sector.

Entretanto, não estamos só à espera disso. Já temos um projecto financiado pelo BAD, Banco Africano de Desenvolvimento, para a promoção da avicultura e da suinicultura, e está, um dos sectores de mais rápido crescimento de proteínas.

Estamos também a pensar na introdução da criação de coelhos. Ao mesmo tempo, este ano já conseguimos trazer vacinas para o gado. Porque se nós conseguirmos defender o nosso gado das doenças, teremos muito mais possibilidades de dispôr da nossa riqueza animal. Só não fizemos uma vacinação geral por falta de meios. Contudo, já tomámos medidas nesse sentido e vamos ser fornecidos meios de transporte para os nossos trabalhadores da Pecuária poderem ir vacinar o gado lá onde ele está.

Por outro lado, acabámos de montar a primeira fase do nosso Laboratório de Patologia Animal. Ali poderemos fazer análises e experiências de vacinas e numa segunda fase, produziremos localmente, as vacinas que necessitarmos.

Desporto

Quatro jogos importantes

O «Nacional» de futebol entra no seu ponto quente neste fim-de-semana. Para já, cinco dos jogos que se disputam nesta 7ª jornada concentram maiores atenções. Por um lado, pelas posições que as equipas em confronto ocupam na tabela classificativa e por outro, devido a velhas tradições das desfechos que são empre de ter em consideração.

Referimo-nos a embates entre Ajuda Sport e Balantas, a realizar esta tarde, no Lino Correia; Sporting e Buá F.C., a ter lugar esta noite também no Li-

no Correia; Udib e Bomilca, amanhã, com início às 17 horas, ainda no Estádio Lino Correia; Estrela Negra de Bissau e Djaló Clube, neste mesmo horário, mas pelas 21 horas, e Gabu-Canchungo, a disputar-se amanhã, pelas 18h30, no Municipal de Gabu. Este jogo é incluído nesta lista, não pela questão pontual, mas porque os do Leste ocupam a 4ª posição a contar do último jogo primeiro, mas sim, pela tal questão de tradição do desfecho nos embates Gabu-Canchungo dificilmente sabem de

terrano dos seus antagonistas, com um resultado positivo. O seu desaire mais recente, naquelas bandas, verificou-se na época passada, em que perderam por 3-1.

Os restantes encontros da jornada são:

F.C. Tombali-F.C. Quinara, um «derby» suíço a disputar-se em Cidá, no Municipal local; Estrela Negra de Bissau, no Municipal de Balantas e Desportivo de Farim Atlético de Bissau, no Municipal de Farim, a realizarem-se todas amanhã com início às 16h30.

México não quer o xá

MÉXICO — O governo mexicano anunciou que não concederá um visto de entrada no país, ao antigo imperador do Irão, que vive actualmente nos Estados Unidos. O ministro mexicano dos Negócios Estrangeiros, Jorge Castenada, precisou que o regresso do ex-xá ao México ia contra os interesses vitais do México.

O jornal «Le Monde» publicou uma entrevista do ayatola Komeini, na qual o líder iraniano afirmou: «Nós nunca insultamos ou humilhamos o povo americano e respeitamos profundamente. A crise actual nas relações irano-americanas, foi provocada pelos que foram asilo a um criminoso — o antigo xá do Irão».

Os acontecimentos de Meca

Que se passa na Arábia Saudita?

RABAT — «A operação contra a mesquita de Meca foi realizada para protestar contra a política de opressão de que são vítimas as populações da Arábia Saudita» — afirmou um peregrino marroquino citando um dos assaltantes do lugar santo mais sagrado dos muçulmanos.

Numa declaração publicada anteontem pelo diário marroquino «Al-Moharrir» (oposição progressista), este peregrino, que afirmou ter assistido à invasão da mesquita, desmentiu as informações de que os «rebeldes» teriam tentado forçar os fiéis a reconhecer o seu «mahdi», messias, sob ameaça das armas.

Pelo contrário, precisou, um dos assaltantes armados discursou, tendo afirmado perante os fiéis que «esta operação suicida foi feita para chamar a atenção do mundo islâmico sobre a opressão de que os sauditas são vítimas, nomeadamente sobre a degradação económica moral e social que o país conhece, assim como acerca da gestão errada das instituições públicas pelos governantes».

O peregrino marroquino acrescentou que o homem armado «permitiu aos fiéis decidir se continuariam a rezar ou abandonavam a mesquita». Precisou que ele mesmo deixou a mesquita depois de ter cumprido o «el-

-fajr» (reza da madrugada).

A operação contra a mesquita sagrada de Meca, realizada na terça-feira passada, foi reivindicada na segunda-feira por uma organização que dizia chamar-se União do Povo da Península Arábica do Hijaz. A organização, cujo comunicado foi emitido em Beirute, afirmou que «foram mortos setenta e sete mil devido aos acontecimentos em Meca».

Esta organização, até agora desconhecida, acrescenta que estes acontecimentos apenas constituem a última fase «duma revolução interna» que rebentou em várias cidades do reino saudita. O Hijaz está situado no

sul da Arábia Saudita e certas informações indicavam que os indivíduos que se refugiaram com reféns no recinto da mesquita de Meca, eram originários da região fronteiriça com Yémen do Norte.

Uma outra organização que intitula Movimento dos Revolucionários Muçulmanos da Península Arábica tinha reivindicado anteriormente a responsabilidade pelo ataque à mesquita.

As últimas informações provenientes das fontes oficiais sauditas indicavam que alguns assaltantes ainda resistem nos subterrâneos da mesquita, donde as forças governamentais tentam desalojá-los.

Quénia: Ofensiva estudantil contra o governo

O presidente Daniel Arap Moi enfrenta neste momento uma forte ofensiva lançada contra o seu governo por estudantes da Universidade de Nairobi, que denunciaram fraudes nas recentes eleições gerais, alegando que alguns aliados do mandatário antepõem os seus próprios interesses privados aos interesses do país.

Em três panfletos distribuídos na semana passada, na Universidade, os estudantes exigem que o procurador Charles Njonjo e o vice-ministro para Terras e Rendeiros, Gg. Kariauki sejam demitidos dos seus cargos. Kariauki tem estado sempre próximo do presidente Moi desde que este assumiu o poder depois da morte do presidente Jomo Kenyatta, há um ano.

Os estudantes denominam o triunvirato Moi-Njonjo-Kariauki e denunciaram que Moi encabeçava, na realidade, um governo da extinta União Democrática Africana do Quénia (KADU). A KADU foi dissolvida em 1964 para unir-se ao partido governante, a União Africana do Quénia (KANU).

A KADU foi um forte partido de oposição dirigido pelo ministro da Energia e Comunicação Ronald Ngala, que morreu em 1972 num acidente de viação. Moi era o vice-presidente da KADU, regionalismo e vínculos mais estreitos com magnates coloniais brancos.

Os jornais locais que informaram sobre os pan-

fletos, classificaram-nos de sediciosos e diziam que a tensão aumentava na Universidade.

Foram distribuídas centenas de folhas volantes nas quais se pedia ao corpo estudantil que continuasse uma «guerra

realização de novas eleições nos distritos em que se proibiu a participação de boicote, contudo, não se efectuou. O governo procura ansiosamente os autores dos panfletos, enquanto os observado-

ao presidente Moi, em linguagem descortês.

Os estudantes exigem a reintegração dos expulsos, mas o governo tem ignorado o pedido.

Entretanto, o secretário do gabinete do presidente Jeremiah Kiereini, desmentiu rumores, segundo os quais certos políticos pensavam criar um partido de oposição. afirmou que não tinha conhecimento de uma acção semelhante, ainda que, reconheceu, os quenianos eram livres para formar

os partidos políticos que quisessem.

No último fim-de-semana, segundo informou o «Sunday Nation», Kiereini declarou que a maioria dos estudantes eram leais ao governo do presidente Moi e que não se uniram a um partido de oposição.

O jornal não revelou a fonte dos rumores, mas vem-se insistindo, em que alguns políticos discordantes com o governo de Moi, poderiam optar pela formação de outro partido.



Daniel Arap Moi, Presidente do Quénia

sem tréguas» contra o governo e a KANU, porque o partido impediu que alguns políticos se apresentassem às eleições. A primeira folha volante apareceu na passada segunda-feira quando se reabriram as aulas, depois de um mês de encerramento decretado pelo presidente Moi, perante as manifestações estudantis registadas em Nairobi, em 7 de Outubro. Atacava a forma como o governo e as instituições públicas são dirigidas. No dia seguinte, uma outra folha volante pedia aos estudantes que boicotassem as aulas e os serviços de cantina, até que o governo ordenasse a

res advertem que estes panfletos, não são obra dos estudantes. Moi, disse em Outubro passado, ao atacar os estudantes pelas manifestações que realizavam e usar meios classificados de inaceitáveis para procurar a solução dos seus pedidos, que os políticos descontentes estavam incitando os estudantes.

Até ao momento ninguém foi detido em conexão com a distribuição dos panfletos, mas foram expulsos da Universidade cinco estudantes depois das manifestações de Outubro. Foram os dirigentes estudantis, acusados de manifestações não autorizadas e de se dirigirem

● Condenação do apartheid

SÃO SALVADOR — A República do Salvador rompeu na quarta-feira as suas relações diplomáticas com a África do Sul. Como sublinhou o ministro salvadorino dos Negócios Estrangeiros, Hector Miguel Dada Hirezzi, a junção do poder no Salvador, tomou esta decisão em sinal de protesto contra a política do apartheid praticada por Pretória. — (ADN)

● Problema da Namíbia

NOVA YORK — Uma declaração do presidente do Conselho de Segurança, publicada na quarta-feira, constata no termo das consultas informais dos membros do conselho sobre a questão namibiana que ainda não foram aplicadas as decisões adoptadas em Setembro de 1978, pelo Conselho de Segurança, sobre o regulamento pacífico do problema. — (ADN)

● Direitos do Homem

DAKAR — A elaboração de um projecto da carta africana dos Direitos do Homem é estudada numa reunião dos peritos da OUA, que decorre desde quarta-feira, na capital senegalesa. A criação de tal carta tinha sido proposta senegalesa adoptada durante a última cimeira da OUA em Monróvia — (FP)

● Produção de remédios

MANÁGUA — Os estudantes de Farmácia da Universidade da Nicarágua começaram a produzir medicamentos para aliviar a falta de remédios no país, em consequência do bloqueio imposto pelas companhias transnacionais contra o governo revolucionário. As companhias estrangeiras alegam que, a queda do regime de Somoza deixou-lhes uma dívida de mais de 3 milhões de dólares.

A República Democrática e Popular do Laos comemora amanhã o seu quarto aniversário. A 2 de Dezembro de 1975, com a abolição da monarquia e a proclamação da República, abriu-se uma gloriosa página da história secular do povo laociano. Esta data memorável marcou o arranque para a construção de uma vida nova no Laos. (Tass)

FIM DA REUNIÃO DA FAO

Terminou em Roma a 20.ª sessão da Conferência da FAO (Organização da ONU para a Alimentação e Agricultura). A resolução da conferência constatou uma degradação da situação alimentar no mundo nos últimos tempos.

Os participantes convidaram os organismos competentes a tomarem medidas urgentes para a aplicação do «plano de segurança alimentar» elaborado pela FAO. (Tass)

CONVERSÇÕES UGANDA — MOÇAMBIQUE

Moçambique e o Uganda assinaram um memorando sobre o comércio de informações entre as agências de imprensa nacionais, no final das conversações que tiveram lugar em Maputo. (Tass)

REPRESSÃO NA PALESTINA OCUPADA

Um aluno foi preso anteontem de manhã em Kalkilya, na Cisjordânia, pelas forças repressivas israelitas que dispersaram uma violenta manifestação «contra a política israelita». Pedras foram lançadas contra vários veículos israelitas, distribuíram-se panfletos, e quanto centenas de adolescentes gritavam «Fogans» anti-israelitas. (FP)

MASSACRE NO SALVADOR

Os membros da comissão especial salvadorina que estuda os casos de desaparecidos neste país, informou sobre descoberta de fossos comuns nos bairros capital com restos de pessoas assassinadas e com tendo sinais evidentes de torturas. Pensa-se que essas pessoas foram vítimas dos actos paramilitares que actuavam impunemente durante a ditadura do general Romero. (PL)

Presidente Luiz Cabral em Conakry

Grande Comissão Mista vai reunir

O camarada Presidente Luiz Cabral regressou ontem ao cair da noite a Bissau após uma visita oficial de dois dias à República Popular e Revolucionária da Guiné, a convite do Chefe de Estado guineense Ahmed Sekou Touré.

Durante os encontros entre os dois presidentes e comitivas foi discutida, sobretudo, a cooperação bilateral. Concluiu-se nessas conversações que a Grande Comissão Mista Guiné-Bissau-Guiné-Conakry deve reunir o mais breve possível, a fim de

entre o PAIGC e o PDG entre o povo da Guiné-Bissau e da Guiné Conakry» frizou o camarada Luiz Cabral.

Ainda, segundo o camarada Presidente as questões abordadas foram bem aprofundadas, procurando-se, sobretudo, as soluções mais justas e assente em bases sólidas, do modo que as relações entre os dois países entram numa sova fase, com relações mais dinâmicas. O camarada Luiz Cabral realçou nas suas declarações o apoio que o PDG e o povo guineense,

de Estado do Interior, José Araújo, do CEL do Partido e Secretário Executivo do CEL, Victor Saúde Maria, do CEL e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Abdulai Bary, do CEL e Comandante Militar da região de Bissau, Fidélis Cabral de Almada, do CSL e Comissário da Justiça, Bobo Queita, do CSL e chefe do Departamento de Logística e Transportes do Comissariado das Forças Armadas, Lay Seck, do CSL e presidente do Comité de Estado da Região de Gabú, Arafan Mané,

juntos na grande batalha de desenvolvimento», e que, «nesta luta muito mais complexa do que a de ontem, nenhuma manobra do inimigo interno ou externo poderá destruir os laços antigos e profundos de solidariedade entre os nossos partidos».

Após Kankan, a caravana presidencial seguiu para Faranah, cidade natal do Presidente Sekou Touré, onde igualmente foi recebido com grande entusiasmo popular. A saudar o camarada Presidente Luiz Cabral, falou o Governador da região,

rada Presidente foi sempre acompanhado nas suas deslocações pelo Presidente Ahmed Sekou Touré.

A delegação da República da Guiné para as conversações era dirigida pelo Responsável Supremo da Revolução guineense, Presidente Sekou Touré, e compunha-se dos camaradas do Bureau Político do PDG Lansana Beavogui, Primeiro-Ministro, Damantang Camará, Presidente da Assembleia Nacional Popular, Ismael Touré, Ministro das Minas e Mamadi Kei-



dinamizar a cooperação entre os dois países irmãos.

O presidente Luiz Cabral classificou a viagem de «muito útil» e afirmou que se algumas dificuldades houve, durante certo período, nas relações entre a Guiné-Bissau e a Guiné-Conakry, estas já foram ultrapassadas.

«Vamos retomar as nossas relações com aquele calor que sempre existiu

em geral, deram aos Combatentes da Liberdade da Pátria e ao povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde na sua luta armada de libertação nacional.

No segundo dia da sua visita à República da Guiné, o camarada Luiz Cabral visitou Kankan e Faranah, acompanhado da sua comitiva, que era constituída pelos camaradas Constantino Teixeira, da Comissão Permanente do Partido e Comissário

do CSL e chefe da Casa Militar da Presidência.

Os dois presidentes chegaram a Kankan no meio da manhã, tendo sido recebidos por uma enorme e entusiástica multidão. O discurso de boas-vindas foi feito pelo Comissário-Geral da Revolução de Kankan, Pierre Bassemba Camará. Em resposta, o Presidente Luiz Cabral disse que, «hoje como ontem, continuaremos a caminhar

Mody Sory Barry.

As conversações oficiais entre as duas delegações tiveram lugar, numa sala do Palácio do Povo, ontem sexta-feira, no período da manhã.

No princípio de tarde, o Presidente Luiz Cabral e a sua comitiva visitaram Labé, onde foi assinado um comunicado conjunto (que publicamos na próxima edição do nosso jornal), regressando depois para Bissau. O cama-

ta, Ministro do Ensino Superior, Abdulay Touré, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Sekou Cherifo, Ministro do Interior, Moctar Diallo, Ministro dos Transportes, Abdulay Sião Baldé, Ministro do Comércio Interno, Senairon Benangin, do Comité Central e Secretário do BP do CC do PDG e Ministro da Informação e Bocar Biro Barry, Embaixador da Guiné-Conakry no nosso país.

Iniciam-se na segunda-feira as aulas do curso nocturno

Começam na próxima segunda-feira, 3 de Dezembro, no Liceu Nacio-

Pioneiros

(Cont. da 1.ª pág)

sável daquela Organização, informou-nos que foram criadas comissões, com vista à preparação da referida Assembleia entre as quais Comissões de Informação e Propaganda, Comissões de Angariação de Fundos e de Protocolo e Segurança.

nal Kwame N'Krumah as aulas do curso nocturno.

Segundo informações obtidas junto do reitor deste estabelecimento de ensino, assistirão às aulas cerca de 1230 alunos dos primeiros, segundo e terceiro ano do curso geral, distribuídos por 30 turmas.

Apesar de não chegarem ainda todos os pro-

fessores cooperantes portugueses, como estava previsto, os que se encontram já em Bissau podem leccionar os cursos diurno e nocturno.

Recorde-se que as aulas do curso diurno do geral e complementar já se encontram a funcionar em pleno desde os meados do mês passado.

Estudantes noruegueses em Bissau

Uma brigada de cinquenta e dois estudantes noruegueses encontram-se no nosso país, dentro do quadro de actividades que a respectiva escola leva a cabo para a formação completa dos alunos.

Assim, este grupo que fez uma recolha de fundos no país de origem, comprou já materiais, necessários para o seu trabalho, que segundo informação dada, pelo Comissariado da Educação, far-se-á na região do

Gabú e que compreende a construção de escolas e latrinas a fim de melhorar as condições de trabalho do sector educativo nacional.

Por outro lado, encontra-se já em Gabú um grupo de 27 desses elementos construindo instalações para abrigar os restantes membros que ainda estão em Bissau e que já visitaram alguns sectores de produção nacional, localizados na capital.

Breves

LUANDA — O regime racista da África do Sul prepara-se para ocupar a Rodésia. A criação na fronteira rodesiana de uma força especial operacional foi anunciada em Pretória. As tropas sul-africanas concentram-se rapidamente nesta região sob o pretexto de «impedir os terroristas de atravessar a fronteira».

Na realidade, consideram os observadores militares, tratam-se de preparativos para uma agressão militar. Um porta-voz do Primeiro-Ministro sul-africano P. Botha declarou que esta operação será efectuada «no caso da chegada ao poder na Rodésia do Frente Patriótica do Zimbábue, com o objectivo de preservar para o mundo ocidental este território importante no ponto de vista estratégico».

As agências de informação indicaram que a África do Sul pôs à disposição do «governo» de Smith-Muzorewa aviões, tanques e outros materiais de guerra a fim de facilitar a intervenção, assim como de assegurar «as acções do exército rodesiano e das forças de segurança durante eventuais eleições no país».

Muitos militares sul-africanos, sobretudo oficiais da aviação, fazem parte das tropas repressivas rodesianas.

Analisando a situação nesta região, os observadores africanos chamam a atenção para as tentativas suspeitas do governo britânico de conseguir na conferência de Londres sobre a Rodésia a concentração das forças da Frente Patriótica em zonas estritamente determinadas «durante o período transitório que antecederá à proclamação da independência». Consideram que o objectivo destes subterfúgios diplomáticos consiste em facilitar os actos de intervenção da África do Sul e as operações repressivas auxiliares do exército do regime ilegal de Salisbúria.